

## A DESVALORIZAÇÃO DO SER HUMANO POR CAUSA DA SUA IMAGEM

---



No dia 01/01/2010, o apresentador Boris Casoy se retratou durante o “Jornal da Band” pela frase que foi ao ar na edição do dia anterior do telejornal.

“*Errei mesmo, falei bobagem*”, diz Boris Casoy após gafe em comentar um vídeo, exibido à poucos instantes, onde dois garis desejavam um “Feliz Ano Novo” a todos os telespectadores do referido jornal.

Sem saber que o áudio estava sendo transmitido, Casoy comentou: “*Que merda: dois lixeiros desejando felicidades do alto da suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho.*” (cf. <http://www.youtube.com/watch?v=XmIzFVhVMV8>).

Ele disse que a frase foi “infeliz” e pediu “profundas desculpas aos garis e aos telespectadores”.

Leia a íntegra do pedido de desculpas.

“*Ontem, durante o intervalo do ‘Jornal da Band’, em um vazamento de áudio, eu disse uma frase infeliz, que ofendeu os garis. Por isso, quero pedir profundas desculpas aos garis e aos telespectadores do ‘Jornal da Band’.*”

[Fonte: Folha Online (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u673624.shtml>)]

A realidade dos fatos é que o senhor Boris Casoy só se retratou porque foi “pego” em flagrante e, ainda que quisesse, não teria como negar esse triste episódio. Mas caso o áudio do programa não tivesse “vazado”, o apresentador hipocritamente agiria como se nada tivesse acontecido e manteria, intacta, sua imagem diante dos telespectadores do telejornal. Ele continuaria repetindo o seu já conhecido bordão “*isto é uma vergonha!*” com a consciência mais do que tranquila. Mas como o áudio vazou, Boris Casoy acabou se tornando vítima de suas próprias palavras. E se fosse agir de forma bem sincera e transparente teria que dizer: “*Em vez dos outros, eu é que sou uma vergonha!*”.

E assim tem sido o ser humano. Todos nós, de forma consciente ou inconsciente, construímos uma imagem holográfica em torno de nós. E o que as pessoas veem em nós do lado de fora, normalmente é bem diferente do que verdadeiramente somos do lado de dentro.

Deus, que nos conhece melhor do que os mais ilustres cientistas, sociólogos e observadores, declarou ao profeta Samuel que o homem é um ser estereotipado e enxerga apenas aquilo que está bem diante dos seus olhos naturais (cf. 1Samuel 16:7b). E como sempre... o nosso Deus está coberto de razão!

Vivemos em uma cultura cosmética onde contemplamos diariamente o “culto ao corpo”. O mercado de cremes, perfumes, cirurgias plásticas, aparelhos de ginástica e congêneres nunca cresceu tanto. Em toda a nossa história nunca houve, tanta gente bonita do lado de fora mas, ao mesmo tempo, tão cadavéricas do lado de dentro. As pessoas têm sido valorizadas por aquilo que elas vestem, por aquilo que elas calçam e por aquilo que elas aparentam ser. E hoje até mesmo a espiritualidade está presa à maquiagem – aos cultos da aparência e à criação de personagens eclesiásticos. O resultado disso se reflete nos ajuntamentos solenes. É na reunião dos chamados “iguais”, dos que convivem em comunhão (tudo em comum) que presenciamos os maiores relativismos relacionais. Muitos irmãos são preteridos nas igrejas por causa de sua condição social. Por não usarem calçados ou perfumes importados ou por não estamparem em suas roupas etiquetas de grife eles são postos de lado.

É muito comum haver igrejas que valorizam o irmão pelo dízimo que ele dá e não pela motivação com a qual ele oferta. Até mesmo quando a igreja se propõe realizar uma visita à casa de algum irmão ou irmã, a quantidade de pessoas presentes em tal acastelamento, normalmente é proporcional à qualidade e conforto dos assentos oferecidos pelos anfitriões e à fartura da “mesa de café” oferecida após a reunião. Isso me faz lembrar dos escribas contemporâneos de Jesus que, quando iam “visitar” as pobres e necessitadas viúvas, “devoravam” suas casas (cf. Marcos 12:40) – aumentando, dessa forma, a necessidade daquelas já eram necessitadas pela condição social em que viviam.

Muitos se gabam tanto dos diplomas que enfeitam as paredes de suas casas, dos diversos idiomas que falam, dos países que visitam, da roda social em que participam que se esquecem de que, para Deus, o que importa não é a produção exterior, mas, sim, as motivações do coração humano (1Samuel 16:7a). É muito raro alguém que, mesmo não possuindo uma linguagem rebuscada, tenha alguma credibilidade em suas palavras. É muito mais fácil aceitarmos as heresias de um “doutor” que, com arrogância destila seu ódio pelas classes menos favorecidas, do que glorificarmos a Deus pela vida de um semianalfabeto que, com uma linguagem simplória e longe de possuir uma gramática plausível, apregoa com alegria e simplicidade o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Não estou com isso fazendo uma apologia à pobreza, à miséria e à falta de um intelectismo arraigado. O que eu quero que o prezado leitor entenda é que há algo mais em um ser humano debaixo de sua roupagem de gari. Para Deus, os “garis” da vida, são tão preciosos quanto você e eu. E que os verdadeiros “lixeiros” (que convivem com a imundície) não são aqueles que trabalham honestamente na limpeza das vias públicas, mas, sim, aqueles que, a despeito de se vestirem com camisas de linho fino e usarem gravatas de seda, carregam dentro de si pressupostos fétidos e preconceitos pútridos.

Para Jesus, pessoas que possuem atitudes iguais ou próximas as de Boris Casoy, são “*semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia*” (cf. Mateus 23:27).

Que nós possamos enxergar a vida e as pessoas tão somente através dos olhos do Pai (cf. 2Reis 6:17).